Acervo ISA

JT 26/4/97 70

Prêmio Nobel comenta as revoluções no campo da genética
Página 2

Caderno de Sábado

O centenário de Humberto Mauro, inventor do cinema brasileiro
Página 5

Fascinantes canibais

Professores franceses e brasileiros discutem na Sorbonne a imagem européia do Brasil colonial, alternadamente enaltecido e execrado

☐ Por Napoleão Saboya

As imagens e discursos fundadores da representação francesa e européia do Brasil colonial, abrangendo os aspectos geográfico, comercial, diplomático, religioso, filosófico, artístico e literário, assim como os estereótipos e preconceitos que entraram nessa composição, foram um dos temas-chave do seminário *Nascimento do Brasil (1500 a 1808)*, realizado recentemente na Sorbonne, com a participação de historiadores e universitários franceses e brasileiros.

Organizado pelos professores Katia Mattoso, Denis Rolland e Idelette Muzart, do Centro de Estudos sobre o Brasil da Sorbonne, com o apoio de várias instituições de pesquisa, o encontro teve, entre outros méritos, o de servir de "terreno de ensaio" para especialistas que preparam obras na perspectiva das comemorações do quinto centenário da chegada dos portugueses ao País, em 2000.

A formação da memória e da identidade do Brasil e a participação da Igreja, dos jesuítas, no seu nascimento, passando pelo problema crucial da escravatura, foram abordados pelos historiadores e professores brasileiros Luiz Felipe de Alencastro (Unicamp), Janaina Amado (UNB), Ronald Vainfas (Universidade Federal Fluminense), Andrea Ciacchi (Universidade da Paraíba), Alcir Pécora (Unicamp), João Adolfo Hansen (USP), Mary del Priore (USP), Renato Pinto Venancio (Universidade Federal de Ouro Preto), Laura de Mello e Souza (USP), Milton Marques Jr. (Universidade da Paraíba) e Luis Carlos Villalba (Universidade Federal de Ouro Preto).

Os historiadores franceses se detiveram na questão da imagem européia do Brasil nascente, conforme se segue.

Berço do exótico

Abrindo o ciclo de exposições, o professor Jean-Paul Duviols abordou o tema "Os 'selvagens' brasileiros no espelho europeu", ilustrando sua palestra com slides da iconografia do Brasil nascente. Para o historiador francês, os europeus do Renascimento se interessaram muito mais pelo homem americano, que os remetia aos mistérios de sua própria imagem primitiva, do que pelo progresso de descobertas territoriais. As representações iconográficas revelam bem essa atenção centrada nos "selvagens" e no "estado natural" deles. O índio nu ou ornado de plumas se afirmará como um estereótipo, em contraste com o que ocorreu com culturas mais refinadas, como a astecas e a inca, as quais só ocasionalmente inspiraram os ilustradores do "Velho Mundo".

Após afirmar que "foi no Brasil que nasceu a imagem exótica de uma América fabulosa, com seus selvagens emplumados numa natureza luxuriante, seus papagaios de cores vivas, seus monstros e seus ritos canibais", Duviols precisou, entretanto, que "os índios da América foram, de modo geral, inventados pelos desenhistas europeus, mais ávidos por exotismo do que por autenticidade". O Brasil, no que tange ao conteúdo essencial de sua iconografia antiga, será a exceção. Os índios representados serão mais freqüentemente os tupinambás do que criaturas imaginárias. A imagem deles iria oscilar entre dois estereótipos aparentemente contraditórios — o do selvagem primitivo, metade homem, metade fera, antropófago perigoso, e o do "selvagem em estado natural", sobrevivente feliz de um paraíso perdido pelo homem ocidental. O Estado natural fascina o leitor europeu na medida em que o homem ali pode se entregar sem restrições à violência de seus desejos e ao contentamento de todos os seus gostos.

Fixação do estereótipo

Mas, segundo Duviols, desse Brasil nascente a figura do canibal era a que mais ocupava o imaginário dos artistas, nobres, navegantes e do povo europeu em geral. Representado desde o nascimento nas cores mais funestas, "escancarando" o apetite ao menor contato com um estrangeiro, o canibal gozava de grande prestígio literário e iconográfico, "à altura do horror que suscitava comumente".

Ao lado dessa visão terrível, perigosa e fascinante, encontra-se a representação da "ingenuidade natural", que tanto impressionava e divertia os europeus. Os ornamentos, as danças rituais, as festas, os símbolos do exotismo brasileiro de então — o arco e a flecha, as plumas e a rede, o abacate e os ananás, o macaco e o papagaio — foram articulados em séries de desenhos e gravuras destinadas a valorizar a figura do "bom selvagem", sempre numa atitude prazerosa, festiva.

No entender de Duviols, tal percepção exoticamente lúdica do Brasil iria se afirmar na França com a realização da famosa "Festa de Rouen", em 1º de outubro de 1550, em homenagem a Henrique II, e que consistiu na reconstituição da vida no Novo Mundo durante um dia às margens do Sena, numa ilha arborizada fazendo as vezes de "canto da floresta brasileira" — com frutas, lianas e malocas, macacos pulando de galho em galho, preguiças e papagaios trepados em troncos de pau-brasil e outros elementos da flora e da fauna — 50 índios tupinambás encenaram o próprio cotidiano. Dançaram, mimaram os gestos das cerimônias rituais, da caça e da pesca, de suas relações de troca na selva, particularmente com mercadores normandos e bretões, saltaram de redes e de rochedos para simular lutas tribais, etc. Diante do número insuficiente de silvícolas, 250 marinheiros normandos e bretões, já familiarizados com a paisagem brasileira, coloridos e besuntados de óleo de jenipapo, foram enfiados na tribo transplantada para fazer figuração naquele "curioso carnaval de povos estranhos". "Curioso carnaval" que iria marcar, no entender do professor da Sorbonne Denis Crouzet, "a alegre entrada do Brasil e de seus selvagens na fixação de uma imagem, na criação de um estereótipo".

Duviols concluiu a exposição observando que, à parte momentos anedóticos e superficiais da iconografia sobre o selvagem brasileiro, a verdade é que este "projetou na Europa uma imagem ambivalente, contendo interrogações latentes sobre a própria natureza do ser humano, da sua diversidade", contribuindo para o que Montaigne chamou de "ingenuidade original" e o que Rousseau denominaria de "bom selvagem".

Imagens controversas

Lugar de canibais no século 16, o Brasil, entre os séculos 17 e 18, com a maior produção de textos sobre o Novo Mundo, iria ativar a curiosidade francesa e européia em três registros sucessivos — como terra da esperança, da maldição e da degenerescência, segundo a literatura produzida então por viajantes franceses.

Reproduções

Índios do Brasil, pintados pelo holandês Albert Eckhout: exotismo de uma "América fabulosa"

Denis Crouzet centrou sua exposição no seminário sobre essas três projeções ou "leituras" do Brasil. Ele começou por estudar a contribuição de François Pyrard de Laval. Este, como nas grandes relatos precedentes de Thévet e De Léry, desenvolve o tema da "terra da esperança", mas não se priva de assinalar três particularidades negativas: a poligamia e a luxúria dos índios, que "fornicam em público, sem a menor vergonha", e a guerra seguida de atos de antropofagia.

A terra da esperança, ele a percebe inicialmente na "longevidade dos índios", atribuída ao clima do Brasil, que permite à pessoa viver, disse-se, "até 150 anos". Porém, é na exuberância do solo, na abundância de produtos agrícolas, de minérios preciosos que Laval fundamenta seu discurso sobre a esperança brasileira, mesmo se, ora aqui, ora ali, ele ponha em questão o juízo idílico feito anteriormente... Às figurações idílicas de um mundo pródigo, "teatro extraordinário" no qual os homens alcançam "êxitos fulgurantes", por exemplo, seguem-se as confissões paradoxais sobre uma terra "tão ruim que é impossível nela morar". E mais: "os homens que aí encontramos ou bem são criminosos ou bem pessoas que fizeram bancarrota" — e todos esses indivíduos possuem "um temperamento que se harmoniza com a dureza da terra". O último testemunho de Laval, em 1611, é compactamente positivo; ele fala do Brasil como sendo a "alegoria da esperança humana".

"Todavia", notou Crouzet, "a invenção da grande esperança ou utopia brasileira é posterior à missão dos quatro capuchinhos, Yves d'Evreux, Arsène de Paris, Claude d'Abbeville e Ambroise d'Amiens, à Ilha do Maranhão ('l'Île du Maragnan') entre 1612-13". Os textos produzidos por D'Abbeville e D'Evreux retratam um "Brasil hiperbólico", onde deveria ocorrer "a concretização messiânica da Monarquia do Lírio, com o advento de um rei que, perseverando na vontade de evangelização expressa por Henrique IV, se verá, enfim, detentor das três coroas proféticas — da França, de Navarra e da França Equinocial".

Segundo o historiador, foi a partir do "olhar novo" dos capuchinhos, pondo em questão as figurações anteriores relativas à "terra de selvagens miseráveis, vivendo sem fé nem lei, como feras", que se pode compreender a ruptura operada por Montaigne com os modelos de representação que ele fazia até então sobre o homem do Novo Mundo. Crouzet sublinha: "Montaigne chega ao ponto de não mais falar de 'bárbaros', ou de 'selvagens', abandona a visão de pesadelo da humanidade não cristã do Novo Mundo, cristalizada por Colombo, Vespucio e Rabelais, entre outros, e passa a desenvolver a imagem edênica, de uma sociedade em harmonia com a natureza, em livre expansão..."

D'Abbeville e D'Evreux não mediram esforços, em torneios retóricos e metafóricos, para representar a "Île de Maragnan" como o espaço da plenitude do homem na Terra — vegetação, clima, alimentos, tudo é objeto de descrições apoteóticas. "O olhar que D'Abbevillle pousa sobre os índios", disse o historiador, "reforça a utopia do bom selvagem". Para D'Abbeville, "os índios levam uma vida de alegria, sem as preocupações que secam e consomem o pecado original, e a nudez das índias é menos lúbrica do que as roupas das damas mundanas da Corte".

Terra maldita

As fracassadas tentativas de colonização francesa no Brasil iriam provocar, na metade do século 17, um desinteresse pelo País e a transformação de sua representação, do modelo usado para sua alegorização. Essa mudança está eloqüentemente retratada, por exemplo, no livro que o viajante francês Pierre Moreau escreveu sobre suas experiências em dois anos de estada no Brasil. Sua visão, segundo Crouzet, "é plena de imagens dramáticas, de doenças e de fome, de cenas da violência brutal que marca as lutas entre portugueses e holandeses. O autor faz ali o aprendizado do horror inscrito em sua obra." Moreau escreve ainda: "O Brasil é o mundo do mal e da infelicidade, os índios regrediram à condição de bárbaros, à pura crueldade que holandeses e portugueses utilizam em seus conflitos" (...) "O canibalismo está de volta ao Brasil, torna-se o símbolo divino do castigo. O horror pune o horror e faz desta terra a terra de todas as maldições."

Para o conferencista, o fato de o livro de Pierre Moreau ser dedicado ao filho bastardo de Henrique IV e à amante deste, Gabrielle d'Estrées, talvez não seja desprovido de sentido: "A invenção sombria do Brasil, a pedadogia de sua maldição tem relação com a situação da política interior francesa. O Brasil serve então de alegoria para o que pode vir a acontecer na França se os homens continuarem a viver na violência."

Degenerescência

A diabolização do Brasil continuou pelo século 17 adentro. Toda produção nova de conhecimento se caracterizava pelo desprezo, pela maneira repulsiva com que seus habitantes eram focalizados. O nobre François Froger, que passou pelo Rio em 1695 e escreveu um dos mais vívidos testemunhos sobre a degenerescência brasileira, é até simpático quando descreve a paisagem do País, a abundância de frutos e caças, a correção de suas construções urbanas, mas se transforma ao falar de seus habitantes. Estes, afirma, "constituem uma sociedade viciada e corrompida, primeiro porque, em suas casas, são servidos por escravos que fazem todos os trabalhos necessários. Isto torna a sociedade mole e efeminada, nenhum de seus membros se digna a se abaixar para pegar uma agulha mesmo em caso de urgente necessidade".

Depois de caracterizar o regime de escravidão dominante como a fonte da perversão dos valores morais na sociedade brasileira, o nobre francês sentencia: "Os brasileiros vivem no luxo e na orgia, até mesmo os religiosos, que são de uma ignorância crassa e poucos entre eles sabem o latim. Os homens da Igreja, que deveriam ser exemplares, suscitam, pelo contrário, o receio de que possa haver o incêndio de uma outra Sodoma por aqui." Froger concede que a "única singularidade" do País "são as belas brasileiras", mas dos homens diz horrores: são "insolentes, violentos, covardes, falsos valentes, viciados na injúria e no baixo calão, sujos, a mais indigna e maldita canalha da qual se ouviu falar".

Tal descalabro moral e humano não chega a ser logo confirmado por outro nobre francês, Jean Baptiste le Gentil de la Barninais, que esteve em Salvador na mesma época. Ele foi mais devagar, admitindo a beleza do lugar, de algumas construções arquitetônicas como a igreja dos jesuítas, se atardando na descrição do dinamismo comercial da cidade e sublinhando a divisão social existente entre senhores de engenho no topo, funcionários e comissários diversos do transporte marítimo no meio e os escravos na base da pirâmide.

Como observou Crouzet, é à vista do caráter inumano da escravatura que Le Gentil denuncia a degenerescência da sociedade brasileira, a exemplo do que fizeram os demais escritores-viajantes franceses que estiveram em outros países da América Latina. "Sem nenhuma originalidade", acentuou o conferencista, "Le Gentil atribui ao Brasil, com algumas variantes, os mesmos estereótipos, as mesmas mazelas das demais sociedades latino-americanas, uma vez que elas todas vivem da mesma maneira, atingidas pelo mal da escravatura e pela degenerescência que a primeira acarreta entre os senhores de engenho e seus iguais".

Mais adiante, Crouzet frisou que essas imagens de corrupção, depravação e paixões sórdidas foram igualmente fixadas em livros por viajantes ingleses que viveram na América hispanofônica e no Brasil. E finalizou sua exposição se perguntando se tais imagens não seriam, na realidade, aquelas, não confessadas, de uma Europa às voltas com grave crise de consciência e que oferecem, no entanto, pela evocação negativa dos Novos Mundos longínquos, o sentimento de uma originalidade e de um valor único que toda comparação reforça.

Brasil na crise

Na constituição da massa crítica que ensejou a crise da consciência européia após a descoberta do Novo Mundo, o Brasil desempenhou seu papel, por meio da difusão na França e na Europa de conhecimentos que, do Rio ao Maranhão, navegadores, missionários, mercadores, estudiosos, viajantes, aventureiros recolheram ou produziram sobre o País, durante mais de um século, a partir de 1504.

Essa foi a tese sustentada no seminário pelo historiador e professor Philippe Bonnichon, para quem esses conhecimentos se referem a diferentes níveis culturais — dos gestos, comportamentos e cenários da vida cotidiana retratados em peças iconográficas, aos livros de narrativas e testemunhos sobre a gente, a flora e a fauna brasileiras, passando pela cartografia, pela literatura de viagem com suas derivas e extrapolações ora no "maravilhoso", ora "no monstruoso", ora no "questionamento" da imagem do mundo herdada da Antiguidade.

Tendo sua difusão iniciada nos Portos da Normandia e da Bretanha por navegantes e mercadores, fragmentos da cultura oral, dos gestos e das representações exóticas do Brasil recém-descoberto, com suas cores e luzes, índios, frutos e bichos, ornamentos e danças "selvagens", foram pouco a pouco impregnando o imaginário coletivo francês e europeu.

Como, entretanto, a Europa da época ainda tinha maior fascínio pelo Oriente do que pela América e pelo Brasil, foi preciso quase um século para que se operasse a mudança de mentalidade. "A mudança ocorre após 1650", calculou Bonnichon, "e, a partir de então, já absorvidos os fracassos das tentativas de colonização francesa no Brasil, a presença brasileira na França deixa de ser 'um acontecimento' apenas para as populações costeiras, para os mercadores de pau-brasil e outras matérias-primas, para aquela faixa restrita de pessoas com acesso e gosto pela literatura de viagens".

Essa presença se amplia por causa dos interesses comerciais, de produtos tropicais ao gosto dos europeus, das modas, decorações, gravuras, pinturas, tapeçarias, balés inspirados em motivos da flora, da fauna e da gente brasileiras. Ao mesmo tempo, teólogos, poetas, ensaístas e filósofos nutrem suas reflexões com exemplos tirados do Brasil.

"Os questionamentos suscitados pela geografia acabam alargando o horizonte mental", asseverou Bonnichon, para em seguida realçar que tudo o que a experiência da América e do Brasil ensinou aos cosmógrafos como Thévet, aos jesuítas, aos capuchinhos como D'Abbeville e D'Evreux, a humanistas como Montaigne e Ronsard, a filósofos e homens de ciência como Pascal, a toda uma comunidade de exploradores, viajantes, diplomatas, navegantes, que escreveram testemunhos, formularam reflexões, produziram novos conhecimentos no domínio das ciências humanas graças à convivência com os índios — enfim, toda essa massa crítica iria informar a chamada "crise da consciência européia". Crise que se resolveria com a relativização do imaginário europeu sobre sua superioridade, na medida em que as figurações positivas do Novo Mundo se impuseram na mentalidade coletiva, com o Oriente e seus mitos sendo colocados nas devidas proporções.

Contraste diplomático

Curiosamente, enquanto o imaginário francês se acendia para as "figurações positivas" do Brasil, a diplomacia francesa se desinteressava pela terra brasileira, na esteira das fracassadas tentativas de assentar seus projetos de colonização. Como notou no seminário o professor Jean-François Labourdette (Universidade de Lille), a derrocada da França Equinocial em 1615 deixa a França sem nenhum projeto sério de conquista do Brasil, restando-lhe a alternativa de desenvolver relações comerciais com Portugal, a fim de participar da exploração da rica colônia no Novo Mundo.

(Em todo caso, não podendo se apossar de um pedaço do Brasil, a monarquia francesa reativou seus projetos em relação à Guiana, da qual se apoderou definitivamente em 1664, após expulsar os holandeses que, por sua vez, haviam sido expelidos de Pernambuco e do Maranhão pelos portugueses.)

A rigor, o intercâmbio comercial franco-português baseado no mercado brasileiro nunca chegou a corresponder às expectativas de Paris. Foi entravado pelo protecionismo português e as conseqüentes retaliações dos franceses e praticamente bloqueado pelo Tratado de Methuen (1703), que privilegiava a Grã-Bretanha nas relações de comércio de Portugal, e pela entrada de Portugal na guerra ao lado dos aliados contra as Coroas da França e Espanha.

Quando do ciclo do ouro no Brasil, a França tentou reativar suas linhas de comércio com Portugal, para desviar parte do fluxo do metal precioso que só beneficiava a Inglaterra, porém, mais uma vez, suas ambições mercantis foram comprometidas por duas razões incontornáveis: a coroação dos Bourbons na monarquia espanhola, o que determinou a ruptura da aliança franco-portuguesa, obrigando Portugal a buscar a proteção inglesa, e a falta de complementaridade entre as produções dos dois países. "Por isso", afirmou o conferencista, "ao longo do século 18, os franceses tiveram de se contentar com um comércio suspeito ou de contrabando com a rica colônia portuguesa".

Nem mesmo a reconciliação de Portugal com a corte de Madri e a adesão da França ao Tratado do Pardo conseguiram dar alento às relações franco-portuguesas e à abertura do Brasil ao comércio francês, uma vez que a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas transformaram radicalmente os dados políticos e econômicos do mundo.

Luzes no Brasil

Excluída do ciclo do ouro, frustrada na tentativa de abrir, mediante acordo com Portugal, uma linha de comércio com o Brasil, que Lisboa tratou de isolar para melhor assegurar sua dominação colonial, a França, no século 18, vivia o apogeu da Filosofia das Luzes, em cuja forja as Grandes Descobertas e o conhecimento das chamadas civilizações ameríndias tiveram suas incidências, apesar de Voltaire.

Ao contrabando comercial juntou-se o contrabando das idéias dos enciclopedistas, que produziram, por meio do Frade Raynal, o primeiro clássico francês do anticolonialismo, *História das Duas Índias*. O Brasil figura no terceiro tomo da obra, consideravelmente ampliada por Diderot, que nela acrescentou, entre outras contribuições, a análise sobre o "código da natureza" e a "sociedade policiada", à luz dos testemunhos sobre o povo de "ateus felizes" — os índios brasileiros.

Na conferência, o professor François Moreau estudou a presença de Raynal no quadro das Luzes, para indicar o quanto suas idéias anticolonialistas, antiescravagistas, obviamente proscritas em Portugal, entraram "por debaixo do pano" no Brasil, e influenciaram a Inconfidência Mineira (1789) e — como demonstrou a historiadora Katia Mattoso na obra *Presença Francesa no Movimento Democrático Baiano* — a conspiração da Bahia pela independência, em 1798.

Moreau deixou claro que o que Raynal, La Condamine, Diderot e outros enciclopedistas talvez não tenham compreendido, no afã de repensar o movimento civilizador, é que os grandes postulados da Filosofia das Luzes, inspiradores de revoluções, guerras de independência, declarações universais de cidadania condenavam definitivamente a "humanidade ameríndia das florestas" à integração ou à morte.

Napoleão Saboya é jornalista e escritor